

INFORMAÇÕES

CENTENÁRIO DO MAHATMA GANDHI

De 29 de setembro a 2 de outubro foi comemorado pelo CEAO o centenário de nascimento do Mahatma Gandhi.

Do programa de comemoração constaram três conferências: "A pátria de Gandhi", "O país que Gandhi criou" e "O pensamento político de Gandhi", as duas primeiras pronunciadas pela Prof.^a Marli Geralda Teixeira e a última, transcrita no corpo desta revista, pelo Prof. Ary Guimarães.

Durante o mesmo período foi aberta à visitação pública na sede do CEAO uma exposição constante de 93 fotografias sobre as várias fases da vida de Gandhi, reprodução em miniatura do quarto ocupado pelo líder indiano no Sevagram Ashram e do Sabarmati Ashram, onde viveu ele de 1915 até 1930, bem como das mais importantes obras de sua autoria.

Discos e fitas gravadas com trechos de discursos pronunciados por Gandhi foram também, na mesma ocasião, apresentados ao público.

Nesta promoção contou o CEAO com total colaboração por parte da Embaixada da Índia no Brasil, que forneceu a maior parte do material exposto.

CURSOS E PALESTRAS

Para enfatizar a importância da Índia no mundo contemporâneo, muito especialmente no ano em que se comemora o centenário de nascimento de Gandhi, o CEAO incluiu na sua programação dois cursos diretamente relacionados com aquele país: "História da Índia", a cargo da Prof.^a Marli Geralda Teixeira, e "Geografia Regional da Ásia Meridional", a cargo dos Profs. Waldir Freitas Oliveira e

Therezinha Cavazzini Penna de Carvalho.

Além desses foram ministrados no CEAO, em 1969, os cursos seguintes: "História da África do Norte a partir dos tempos modernos", pelo Prof. Rolf Reichert, "Sobrevivência das línguas africanas no Brasil", pelos Profs. Guilherme de Souza Castro e Yêda Pessoa de Castro, "Religiões da África Ocidental", pelos Profs. Vivaldo da Costa Lima e Júlio Santana Braga, "O negro na literatura brasileira", pelo Prof. Fernando da Rocha Peres.

Continuaram ainda mantidos os cursos livres de árabe, japonês e hebraico, a cargo, respectivamente dos Profs. Rolf Reichert, Ryuichi Watanabe e Lia Steinberg.

Como parte integrante do curso de "Geografia Regional da Ásia Meridional" foi organizada uma série de seminários sobre o tema "Explosão demográfica e controle natalidade", com enfoque especial sobre a realidade indiana, de acordo com a seguinte programação:

- 1) Aspectos históricos - Prof. Istvan Jancsó.
- 2) Aspectos biológicos - Prof. Elsimar M. Coutinho
- 3) Aspectos religiosos - D. Timóteo Anastácio Amoroso - OSB
- 4) Aspectos sociológicos - Prof. Thales de Azevedo
- 5) Aspectos econômicos - Prof. Jairo Simões.

ATLAS HISTÓRICO REGIONAL DO MUNDO ÁRABE

Por ocasião das comemorações do décimo aniversário de fundação do Centro de Estudos Afro-Orientais foi

feito o lançamento do **Atlas Histórico Regional do Mundo Árabe**, de autoria do Prof. Rolf Reichert, em edição bilingüe (português e inglês). Através do referido trabalho poderão os interessados visualizar, com o auxílio de cartas geográficas, a história dos povos árabes, desde a Idade Média ao dias atuais. O pouco conhecimento existente no Brasil acerca da história de povos outros que não os europeus constitui o principal motivo para tal edição, que irá, sem dúvida, preencher uma lacuna até hoje existente e permitir o estudo metodizado da evolução histórica dos povos árabes.

O Centro de Estudos Afro-Orientais contou para tal empreendimento com o apoio financeiro do Sr. Ernst A. Teves, Presidente da Leo Frobenius-Gesellschaft, que esteve presente ao ato do lançamento da edição.

BIRMINGHAM

Passou a integrar o **staff** do Centro de Estudos da África Ocidental ("Centre of West African Studies") da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, um dos mais ativos e eficientes centros universitários de pesquisa sobre a África Negra, o Prof. Paulo Fernando de Moraes Farias, integrante do corpo de professores do CEAO, onde foi durante vários anos responsável pelo seu Setor de Estudos Históricos.

SECÇÃO DO MUSEU

Foi inaugurada na sede do CEAO uma pequena secção de Museu, onde passarão a ser expostos periodicamente exemplares da arte africana e afro-brasileira, e dos povos asiáticos, bem como objetos de uso cotidiano, integrantes daquelas culturas.

LITERATURA DO MUNDO NEGRO

Em prosseguimento ao programa editorial do CEAO foi publicado em 1969, o livro **Aspectos da Literatura do Mundo Negro** de autoria do Prof. Wilfried Feuser, Deão da Faculdade

de Artes da Universidade de Ife, na Nigéria. No referido volume foram reunidas as conferências pronunciadas no CEAO em 1966 pelo referido professor, quando aqui esteve a convite da Universidade Federal da Bahia. Pela qualidade das mesmas e pela necessidade de uma maior divulgação nos meios culturais brasileiros dessa literatura, tão mal conhecida entre nós, resolveu o CEAO editá-las em forma de livro.

COMITÊ COORDENADOR INTERUNIVERSITÁRIO

De 12 a 15 de novembro reuniu-se na Cidade do México o Comitê Coordenador Interuniversitário dos Estudos Orientais na América Latina.

Compareceram à referida reunião a Sra. Graciela de la Lama, Diretora do Centro de Estudos Orientais do Colégio do México, o Dr. José R. Arboleda S.J., da Universidade Javeriana da Colômbia, o Dr. Francisco Walker Liñares, da Universidade do Chile, a Prof.^a Hilda Chen Apuy, da Universidade de Costa Rica, o Prof. José León Herrera, da Universidade de San Marcos (Peru), o Dr. Ismael Quiles S.J., da Universidade do Salvador (Buenos Aires) e Secretário Executivo do Comitê, o Prof. Armando Asti Vera, da Universidade Nacional de Buenos Aires, o Prof. Fernando Garcia Esteban, da Universidade do Uruguai, e o Prof. Waldir Freitas Oliveira, Diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.

Além de tais membros, componentes do Comitê, como convidados especiais, participaram dos trabalhos, entre outros, o Dr. Juan O. Diaz Lewis, Chefe da Missão da UNESCO no México, Dr. Efrén C. del Pozo, Secretário Geral da União de Universidades da América Latina, e o Prof. Lothar Knauth, Diretor do Centro de Estudos Orientais da Universidade Nacional Autónoma do México.

Os temas discutidos se relacionaram às possibilidades de expansão dos estudos orientais nas Universidades representadas e às condições necessárias para tal.

Ao final da reunião foi aprovado o documento que aqui vai transcrito na íntegra.

II — Reunião do Comitê Coordenador Interuniversitário dos Estudos Orientais na América Latina.

(México, 12-15 de novembro de 1969)

Colégio do México

Quarta sessão de trabalho

Programa de desenvolvimento dos estudos orientais na América Latina

Depois de estudar cuidadosamente os informes e relatórios apresentados durante a II Reunião do Comitê Coordenador Interuniversitário dos Estudos Orientais na América Latina, assim como os recursos disponíveis, o Comitê resolve adotar um programa de desenvolvimento para os estudos orientais na América Latina conforme as seguintes bases:

I — Bases Gerais

A — Docência

1. Ampliação dos estudos orientais nas instituições universitárias latino-americanas, mediante a elaboração de planos de estudo e a criação das cátedras que sejam necessárias para levá-los a cabo. Para isso se levarão em conta recursos existentes e os programas em operação, e se investigarão, com a União de Universidades da América Latina (UDUAL), as necessidades concretas atuais e futuras das instituições interessadas.

2. Incorporação de professores especializados nos programas e cátedras sobre estudos orientais e africanos que já existam na América Latina, ou que se estabeleçam no futuro em instituições latino-americanas.

3. Preparação do pessoal especializado, em nível de pós-graduação, no Centro de Estudos Orientais do Colégio do México, e em outras instituições que tenham cursos de pós-graduação reconhecidos, com ênfase no estudo da língua oriental da área correspondente, no enfoque sócio-político

dos países da Ásia e no estudo do pensamento e da cultura do Oriente.

4. Preparação de pessoal especializado, em nível de pós-graduação, em estudos africanos, no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (Brasil).

5. Capacitação de pessoal docente ou que se haja iniciado na especialização e tenha um conhecimento adequado da língua oriental da área de estudo, no Oriente e em Centros de Orientalismo fora da América Latina.

6. Promover a extensão do trabalho dos professores do Centro de Estudos Orientais do Colégio do México, assim como de outras instituições, e Centros ou Universidades interessadas, quando existam programas adequados para o seu devido aproveitamento.

7. Dar maior importância, na investigação e na docência, à realidade atual da Ásia e da África.

B — Investigação

1. Organização de equipes de investigação sobre problemas contemporâneos do Oriente, relações entre a América Latina, Oriente e África.

2. Organização de equipes de investigação sobre a literatura contemporânea do Oriente.

3. Organização de equipes sobre música e artes plásticas do Oriente.

4. Organização de equipes de investigação sobre o estudo das filosofias e religiões do Oriente e da África.

5. Organização de equipes de investigação para o estudo comparativo das religiões e filosofias do Oriente.

6. Elaboração e aplicação de metodologias específicas de investigação, inclusive conhecimento de línguas orientais, documentação, terminologia, etc., e capacitação nas mesmas.

C — Recursos bibliográficos

1. Criação de programas específicos de colaboração bibliográfica entre os centros de estudos orientais e de estudos africanos na América Latina.

2. Classificação e catalogação dos acervos bibliográficos existentes na América Latina.

3. Ampliação dos recursos bibliográficos existentes na América Latina e de acordo com as necessidades específicas da docência e da investigação.

D — Publicações

1. Fomento e coordenação da publicação em revistas especializadas e por outros meios, dos resultados dos seminários, investigações, cursos e outros trabalhos, incluindo traduções diretas para o espanhol e o português de textos orientais e obras fundamentais para o estudo do Oriente e da África.

2. Difusão mais ampla das publicações sobre estudos orientais e africanos.

Levando em consideração as bases gerais antes anotadas, cremos conveniente fixar um programa de desenvolvimento dos estudos na América Latina em 10 anos, com etapas sucessivas de realização, que permitam aceitar responsabilidades parciais para a execução do mesmo, a fim de lograr o cumprimento das metas propostas.

II — Programa de desenvolvimento a curto prazo, 1970/1972

A — Docência

1. Estudo e formulação de **currícula** básicos para o estudo do Oriente e da África na América Latina.

2. Criação de cursos sobre questões orientais e africanas nas Universidades da América Latina de acordo com as informações obtidas através da UDAL, segundo os questionários que para esse efeito serão enviados às autoridades competentes filiadas à dita organização.

3. Preparação de pessoal docente nos Centros de Estudos Orientais do Colégio do México e no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (Brasil), de acordo com um programa de desenvolvimento dos estudos asiáticos e africanos na América Latina.

4. Organização de cursos de pós-graduação em filosofia hindu, antropologia geral do Oriente e estudos arábicos na Seção de Estudos de Filosofia Oriental da Universidade Nacional de Buenos Aires.

5. Seminário de investigação sobre "Influência das culturas orientais nas culturas americanas pré-colombianas", a cargo do Centro de Estudos Orientais da Universidade del Salvador.

C — Recursos Bibliográficos

1. Criação de um catálogo coletivo unificado onde existam Centros de Estudos Orientais, com base na duplicação das fichas bibliográficas.

2. O Colégio do México, a partir de janeiro, criará a Unidade de Documentação, de acordo com as estimulações do documento de trabalho CIEO/7 para a assistência bibliográfica à América Latina.

3. Avaliação e catalogação do acervo chinês da Biblioteca Sino-Internacional de Montevideu e publicação do catálogo.

4. Elaboração e publicação de uma bibliografia das obras em espanhol e português referentes à Ásia e à África, tanto de estudos originais como de traduções. Esta bibliografia estaria a cargo do Centro de Estudos Orientais da Universidade Autônoma do México e do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (Brasil).

III — Programa de Desenvolvimento a Longo Prazo, 1973/1980

Se as proposições anteriores se cumprirem satisfatoriamente, será possível programar um desenvolvimento nos seguintes pontos:

1. Criação de um seminário de literatura contemporânea do Oriente no Centro de Estudos Orientais do Colégio do México.

2. Estabelecimento de um programa coordenado de traduções diretas de textos fundamentais do Oriente.

3. Criação do Doutorado no Centro de Estudos Orientais do Colégio do México.

4. Criação do Doutorado no Centro de Estudos Orientais da Universidade del Salvador.

5. Criação da Licenciatura em Estudos Orientais na Secção de Estudos Orientais da Universidade Nacional de Buenos Aires.

6. Coordenar e fomentar cursos e programas de ensino no nível de Licenciatura nos Centros de Estudos Orientais e Africanos da América Latina.

IV — Recomendação Final

Manter permanentemente informada a Secretaria Executiva dos planos de estudo, projetos de investigação e tôdas as iniciativas dos Centros, a fim de que possam ser comunicados através do Boletim do COCIESORAL.

BAIANOS NA ÁFRICA

Sob êste título, o Prof. Waldir Freitas Oliveira publicou na edição de 12/8/69 do jornal **A Tarde** o artigo que se segue:

“Recentemente, comentando o romance **A Casa d'Água**, de Antônio Olinto, inspirado em temática afro-brasileira, o Prof. Tales de Azevedo se referiu à atuação do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia quanto ao reatamento dos contatos entre o Brasil e o Continente africano.

Penso já ser tempo de esclarecer alguns pontos acêrca de tal atuação.

E limitando-me às comunidades de brasileiros existentes na Nigéria e no Daomé, repatriados para a África logo após a Abolição, desejo destacar o papel de Pierre Verger, o primeiro dos etnólogos interessados em assuntos afro-brasileiros a descobrir e a estabelecer ligação com as mesmas.

Foi por volta dos anos 50 que Pierre Verger nos fez a grande revelação da existência de brasileiros na África Ocidental. E foi por seu intermédio que tomamos conhecimento da existência do “Brazilian Quarter” de Lagos e das figuras de um certo modo hieráticas de Romana da Conceição e Maria Ojelabi, na Nigéria, de Casi-

miro d'Almeida e muitos outros no Daomé, ainda falando o português e mantendo em terras africanas as tradições e os costumes levados consigo das terras do Brasil.

Em 1959 Pierre Verger entrava em contato com o Prof. George Agostinho da Silva, que então insistia junto ao Reitor Edgar Santos para a criação, no âmbito da Universidade da Bahia, do Centro de Estudos Afro-Orientais.

Aceita a idéia pelo Prof. Edgar Santos, uma das primeiras providências tomadas pelo nôvo órgão universitário foi a do envio à África de alguém que se dispusesse a estudar tais comunidades e a restabelecer as relações de há muito interrompidas entre o Brasil e o continente africano.

E foi assim que em dezembro seguiram para a Nigéria, Pierre Verger e Vivaldo da Costa Lima, êste o primeiro estudioso brasileiro a estabelecer contato com as comunidades de brasileiros lá ainda existentes.

Na sua estada de cêrca de dois anos em terras da Nigéria, Daomé, Togo, Gana e Alto Volta, o professor baiano teve oportunidade de realizar várias pesquisas e de chamar a atenção das autoridades brasileiras para a importância das relações entre o Brasil e os novos países africanos.

Exercendo as funções de Adido Cultural junto a Embaixada do Brasil em Gana, logo após a sua criação e instalação, servindo ao Embaixador Raimundo de Sousa Dantas, coube ao Prof. Costa Lima encaminhar numerosas sugestões, por um lado ao Departamento Cultural do Itamarati e por outro à Universidade da Bahia. Entre elas a da criação de cursos de língua portuguesa nas universidades africanas e da instalação no antigo Forte de São João Batista de Ajudá, em Ouidah (Daomé), de uma organização cultural financiada pelo Govêrno brasileiro, visando a preservação das tradições e costumes brasileiros na África a do intercâmbio de professores entre universidades brasileiras e africanas e, finalmente, a da doação de bôlsas-de-estudos pelo Brasil a estudantes africanos que aqui quisessem realizar seus estudos superiores.

A história do desenvolvimento dessas idéias, algumas concretizadas, outras apenas iniciadas e outras nunca tomadas em consideração, é bastante longa para ser tratada dentro dos limites desse artigo, ainda que a vinda para o Brasil de bolsistas africanos, nos anos de 1961 e 1962, mereça uma referência especial.

Em janeiro de 1962, dando prosseguimento ao plano estabelecido, seguiram, enviados pelo Centro de Estudos Afro-Orientais, para ensinar português na Universidade de Ifé, na Nigéria, os Profs. Guilherme de Sousa Castro e Yêda Pessoa de Castro.

Foram tais professores os responsáveis pela criação do primeiro curso regular de português na Nigéria. E quanto a isso parece haver sido mal informado Antônio Olinto quando se refere em seu **Brasileiros na África** aos cursos de português dados por Zora Seljan e Ademar Ferreira da Silva, o primeiro ministrado em seu próprio apartamento e o segundo, no Holy Cross College, como os primeiros cursos de português em terras nigerianas.

Na Nigéria permaneceram os professores baianos de janeiro de 1962 a junho de 1963 e ali estavam quando da chegada, em outubro de 1962, de Antônio Olinto, acompanhado por Zora Seljan, designado que fôra para o cargo de Adido Cultural junto à Embaixada do Brasil em Lagos.

Recebido pelo Secretário da Embaixada, Antônio Carlos Tavares, diplomata de excepcionais qualidades, foi por seu intermédio que o nosso Adido Cultural veio a conhecer Romana da Conceição e Maria Ojelabi e teve melhores condições para o seu trabalho.

Quando da minha primeira visita à África, em dezembro de 1962, já na condição de Diretor do CEAO, para participar do I Congresso Internacional de Africanistas, encontrei-os, a todos, ao Prof. Costa Lima em Acra, onde participou igualmente do Congresso acima referido, e posteriormente no Daomé, e aos Profs. Guilherme de Sousa Castro e Yêda Pessoa de Castro e a Antônio Olinto e Zora Seljan, na Nigéria. Tive então a oportunidade de também conhecer

Romana da Conceição e Maria Ojelabi, em Lagos, Cassimiro d'Almeida e outros brasileiros em Pôrto Nôvo, e de visitar, em Ouidah, as ruínas do forte de S. João Batista de Ajudá, incendiado pelos portugueses antes de dali se retirarem.

Lamentavelmente, Antônio Olinto, em seu livro já referido, não fez as referências devidas aos professores baianos que o antecederam em África e que de certo modo prepararam o terreno para sua atuação.

Em princípio de 1963 regressava ao Brasil o Prof. Costa Lima e em junho do mesmo ano ocorria o retorno dos Profs. Guilherme de Sousa Castro e Yêda Pessoa de Castro. Não havia sido possível ao CEAO mantê-los por mais tempo em terras africanas.

De volta à África, em março de 1966, tive oportunidade de conversar com o saudoso Lourival Machado, então Diretor da Divisão Cultural da UNESCO, acêrca das possibilidades de uma viagem à Nigéria e ao Daomé do filho da falecida ialorixá Maria Bibiana do Espírito Santo (Senhora), o conhecido Didi.

Contornadas várias dificuldades, finalmente, em 1967, a UNESCO concedia ao CEAO uma bolsa de viagem e pesquisas para que fôsse concretizada a viagem do artista baiano à terra dos seus antepassados.

E assim foi Didi enviado à África para cumprir um roteiro de trabalho preparado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais e a êle entregue antes da sua partida. Se após o seu regresso, se após o excelente trabalho por êle realizado, o CEAO deixa de ser referido nas suas declarações e é mesmo tido como inexistente, êste é um assunto que só poderá ser considerado em termos estritos de atitude individual.

O trabalho elaborado por Didi e Juana Elbein na África foi aceito pela UNESCO e deverá ser em breve publicado. Ainda que sob a responsabilidade exclusiva dos seus autores, que se recusaram a aceitar qualquer tipo de achêga ou observação crítica a ser efetuada pelos especialistas do CEAO.

Após a primeira estada de Didi e Juana Elbein na África, para lá regressaram com uma exposição de objetos de arte, já agora sem que o CEAO tivesse a menor participação na viagem.

Finalmente, em 1968, o CEAO enviou à África, em missão de estudos, o Prof. Júlio Santana Braga, que permaneceu na Nigéria e no Daomé durante cerca de seis meses, já não mais encontrando vivos, vários daqueles antigos brasileiros que conheci e são citados por Pierre Verger, Yêda Pessoa de Castro e Antônio Olinto. O que não o impediu de realizar novas pesquisas sobre o assunto e de escrever sobre a situação atual das comunidades brasileiras na África um trabalho que será dentro em pouco publicado na revista "Afro-Ásia".

A viagem do Prof. Júlio Santana Braga foi a última das incursões do CEAO sobre terras africanas.

Preparamo-nos, no momento, para enviar à Nigéria os Profs. Guilherme de Sousa Castro e Yêda Pessoa de Castro, a fim de que reiniciem, na Universidade de Ifé, o curso de português, lamentavelmente interrompido em 1963.

Esta tem sido a atuação do Centro de Estudos Afro-Orientais na retomada de contatos entre o Brasil e as áreas africanas do Daomé e da Nigéria. Creio ser perfeitamente justa a afirmação do Prof. Thales de Azevedo quando diz que a esta organização coube a parte mais saliente no desenvolvimento dessa ação. Desejo, porém, que os esclarecimentos agora feitos concorram para que nenhuma dúvida possa ainda existir sobre ela".

Em data posterior à publicação deste artigo, retornaram à África os Profs. Guilherme de Souza Castro e Yêda Pessoa de Castro, êle, contratado pela Universidade de Ifé, na Nigéria, para ali encarregar-se, por dois anos, do ensino da língua portuguesa, enquanto a Prof.^a Yêda Pessoa de Castro participará durante o mesmo período, na condição de "Research Fellow", dos trabalhos do Instituto de Estudos Africanos da mesma Universidade.

DÉCIMO ANIVERSÁRIO DO CEAO

Havendo completado o CEAO, em setembro deste ano, dez anos de existência, o Prof. Thales de Azevedo, da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia foi convidado, para, durante a sessão comemorativa do acontecimento, expressar o seu ponto-de-vista sobre o papel que vem desempenhando a entidade, particularmente nos meios universitários.

São do Prof. Thales de Azevedo as considerações a seguir transcritas:

"Outras vozes que ecoaram nos passados dez anos em torno do Centro de Estudos Afro-Orientais deveriam ouvir-se hoje e não a minha, que é apenas a de um efêmero membro do Conselho Deliberativo desta instituição, embora a de um dos que mais prezam e admiram a obra que aqui se realiza há dez anos e um que, nos seus primeiros anos de funcionamento procuraram contribuir com sugestões e propostas relativas aos seus objetivos. Numa ordem que se diria ontológica, relacionada com a idéia que gerou o Centro, a voz preferida para comemorar este 10.^o aniversário havia de ser a de George Agostinho da Silva, seu idealizador. Um visionário, se não um vidente, com intuições e premonições invulgares. Agostinho é um sonhador que realiza, que transforma a fantasia em criações fecundas e duradouras, animadas sempre de um sopro de idealidade e grandeza. A origem deste Centro prende-se às idéias, um tanto estranhas para alguns, que expendeu, em meados de 1959, sobre as condições e a missão de uma comunidade luso-brasileira, perante o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, reunido na Universidade da Bahia. Agostinho teria pensado em que um organismo como este seria um laço, um ponto de apoio e de ação, entre outros, que se espalhariam por um vasto ecúmeno, para a reconstrução espiritual e quicá política de uma comunidade cultural originada no papel histórico dos lusitanos da época dos descobrimentos, concebida, porém, como uma

aliança de nações e povos soberanos, desvencilhadas das peias do colonialismo e assim mais aptos a uma coligação espiritual consentida, espontânea e sólida. Como quer que se conceba e se discuta esse sonho e se o coloque numa perspectiva hodierna, numa das encruzilhadas dessa projeção para a história, poderia ter alguma função um núcleo de aproximação, de contato, de troca de idéias, de encontro de pessoas, de elaboração de estudos, de planejamento da ação que irradiaria por sobre toda a parte em que vicejasse ou apenas vegetasse algum gérmen da velha e forte alma lusa. Essa concepção prestava-se a múltiplas interpretações e entendimentos, mas teria na mente do seu idealizador antes de tudo, um caráter intelectual e espiritual, um tanto místico, quaisquer que fôssem os esquemas que os políticos poderiam sobre a mesma armar e articular, objetivando revitalizar as conexões, as relações, o parentesco anímico do que foi, há quatro séculos, um império. E reacenderia a chama de uma filosofia da existência que lhe parece uma esperança para o mundo atônito dos nossos dias, esmagado pela técnica que desenvolveu, atribulado com os problemas morais que o progresso aqui, e o atraso ali, criaram à humanidade. Dessa visão algo profética, a imaginação prática de Agostinho teria extraído uma tarefa próxima, imediatamente eficaz, qual a de um instituto que no Brasil iniciasse um esforço de aproximação com a África e o Oriente sob a inspiração de um projeto, longínquo embora, de reunificação e recriação da unidade de sentidos e significados da vida entre o nosso País e os velhos mundos por onde o luso andava semeando o Cristianismo e a sua cultura. Invocando afinidades geográficas e culturais e a condição comum de regiões subdesenvolvidas, o atual diretor do Centro veio a dar, em 1960, uma interpretação a esse sonho de unidade espiritual, delineando um plano de conjugação de propósitos e projetos do Brasil e dos demais países da América Ibérica, considerados uma ilha atlântica, com as nações negras inde-

pendentes da África e com as antigas colônias portuguesas daquele Continente, para a superação dos seus problemas e a formação de um bloco que procuraria a paridade e o equilíbrio com grupos dominantes nas relações internacionais e na partilha dos bens acessíveis à humanidade. Inspirava-se tal idéia na consciência, que então começava a atuar, de que as nações pobres e atrasadas constituíam um terceiro mundo, com problemas de caráter próprio, o qual, colocando-se à margem das disputas ideológicas da "guerra fria", havia de fortalecer-se numa união de vistas em ordem à consecução pacífica dos seus objetivos de justiça e progresso. Pouco antes havia sido lançada pelo presidente Juscelino Kubistschek, com o título de Operação Pan-Americana, um plano de integração da América Latina que se corporificaria, em acordos e alianças alguns anos depois concertados. Transcendia à estreiteza de uma comunidade política, de estados de língua e tradição portuguesa, aquele outro sonho de um Atlântico sul integrado em torno de determinadas metas culturais e sociais. Desenhava-se desse modo, um ideário para um órgão como o Centro de Estudos Afro-Orientais, cuja denominação implicava, de qualquer maneira, uma relação entre o nosso País e as nações e povos dos Continentes africanos e asiáticos.

Em 1959 era criado pela visão larga do Reitor Edgard Santos o Centro como um organismo universitário, com programas, a princípio, de intercâmbio de estudantes, depois de professores e cursos, finalmente de tentâmens culturais e acadêmicos conjuntos. O gérmen semeado na Bahia havia de lançar raízes seguras, favorecido pelo clima criador e inovador que então animava a Universidade e contribuiria para a própria política de relações culturais com a África negra que o Presidente Jânio Quadros em 1961 inaugurava. De tal maneira o Centro correspondia à vocação dessa política que ao mesmo coube receber, encarregado pelo Ministério do Exterior, os primeiros estudantes nigerianos, ganenses, sene-

galeses, daomeanos, aos quais o Governo Brasileiro ofereceu bôlsas para fazerem estudos universitários completos no País, no intento de revelar à África o Brasil dinamizado pela idéia da democracia e pelo impulso modernizador da industrialização, duas fôrças inspiradoras do desenvolvimento e da justiça social. Era o começo de um movimento que se completava com a designação de embaixadores, adidos culturais e professores brasileiros junto àqueles países, — programa êste empreendido em parte através do Centro, e ainda cumprido, a partir de então, com a participação do Centro em reuniões culturais na África e noutras partes do mundo em tôrno de temas africanistas. Com essa presença, e sobretudo com o excelente desempenho de seus objetivos, o CEAO consagrou-se o órgão por assim dizer representativo do Brasil, em caráter oficial, no campo das relações culturais e acadêmicas com a África, campo em que se especializou a par do interesse pelos problemas asiáticos, os quais, por sua vez suscitaram iniciativas parecidas noutros meios brasileiros.

Desde o começo de suas atividades, o CEAO aliou dois gêneros de atividades: o intercâmbio, a assistência e orientação dos bolsistas, com o estudo das línguas africanas e asiáticas e a formação de especialistas em questões afro-orientais. Partindo do ensino daqueles idiomas, que despertou em nosso meio interesse notório com o árabe, o iorubá, o hebraico, o japonês, o russo, — êsse plano desdobrou-se em cursos sôbre a Geografia, a História, a Antropologia dos povos da África e do Oriente próximo e remoto. Por êsse modo o Centro começava a formar seus próprios especialistas, alguns dos quais haviam de ganhar a experiência de pesquisa em vários países do oeste africano e criava a estrutura para as pesquisas da herança africana e oriental no Brasil, particularmente na Bahia. No parecer a que aludi, por mim elaborado em 1962, tive ocasião de assinalar como objetivo primordial do CEAO êsse de criar no País o conhecimento científico e atual daqueles povos e os

reflexos dos mesmos sôbre a civilização brasileira. As pesquisas africanistas e até as islamistas haviam tido seus inícios brasileiros na Bahia ao fim do século passado, mas o nosso Estado perdera, por assim dizer, muito do seu interesse e particularmente de sua posição privilegiada nessa área de indagação. Coube ao CEAO retomar essa tradição com programas próprios que vão consolidando o seu papel pelas ligações que vai reavivando entre a tradição baiana e as culturais africanas e islâmicas, pelas questões que, levantadas no Brasil, são desenvolvidas em novas pesquisas na própria África e, finalmente, pelos elementos que, colhidos e verificados na África e nos países árabes contribuem a interpretar e esclarecer temas e problemas desta região. Disto resulta que o CEAO forma uma equipe de investigadores com competência gradualmente consolidada, sustenta um programa de substancial qualidade, o único programa que no Brasil se endereça, coesivo e competente, ao aprofundamento dos estudos, das análises, das reconstruções históricas, lingüísticas, antropológicas de questões há muito caídas no esquecimento dos nossos meios intelectuais e acadêmicos. Essa equipe tem sido enriquecida tanto no tocante ao ensino de idiomas quanto no referente à investigação, com a cooperação valiosa de especialistas nacionais e estrangeiros da mais alta qualidade, uns comissionados por suas universidades e governos, outros incorporados ao próprio Centro. Daqui, desta casa, onde se acha desde seus primeiros dias êsse núcleo de estudiosos e trabalhadores, conduzido pela lucidez e pela determinação do Prof. Waldir Freitas Oliveira, e onde se acumula um acervo precioso de documentação sôbre aquelas questões e temas, têm saído membros dessa equipe para se fixarem, por solicitação dos órgãos e serviços interessados, em Universidades africanas e européas. Por outro lado, tornou-se o Centro um ponto de convergência para os investigadores brasileiros e estrangeiros que constantemente procuram o conhecimento, o contato, a informação sôbre

as questões aqui estudadas, sôbre os estudos já empreendidos, sôbre as publicações lançadas em forma de edições isoladas, umas veiculando estudos realizados no Centro ou com o apoio do mesmo, outras reproduzindo trabalhos feitos em outros países e editados em outras línguas, e ainda em forma de ensaios e artigos no periódico **Afro-Ásia**, cuja densidade científica se acresce a cada número, concorrendo para a reputação que o Centro vai firmando nos círculos especializados. Todos êsses trabalhos são, por certo, um esforço meritório e sério, fruto da persistência, da paciência, da modéstia dos seus responsáveis, mas inquestionavelmente são o mais qualificado programa que no campo das ciências do homem e da sociedade sustenta a Universidade da Bahia e o próprio meio baiano em geral, porque, a não ser em limitadas áreas de outras dessas indagações, nas quais é muito mais a pertinácia e a teimosia individual que lutam e se sobrepõem a mil dificuldades, aqui se estabeleceu e firmou um núcleo resistente a todo desânimo. É de justiça afirmar-se que tem contado com recursos para a permanência de sua estrutura e com outros elementos que a Universidade, o Ministério do Exterior e outros organismos lhe proporcionam, apenas suficientes na fase atual, porém carentes de alargamento para a sua irreversível expansão. Mas há problemas que afetam o CEAO: mais que outros destaca-se o da sua preservação contra tendências de absorção noutros órgãos e particularmente de dispersão da sua equipe, tão a custo mantida íntegra. É de justiça assinalar, a êsse respeito, a sabedoria da decisão pelo qual o CEAO foi mantido como unidade autônoma no esquema nôvo de institutos, departamentos e unidades de ensino e pesquisa da Universidade. Interpretando de modo contestável o espírito da reforma universitária, que se instaura no Brasil, os organismos responsáveis pela reorganização da nossa Universidade optaram por transferir aos novos departamentos de ensino todos os encargos de entidades como esta e outras que, na anterior estru-

tura, faziam o intercâmbio cultural, a extensão universitária, a pesquisa empírica, os cursos complementares. Desmontaram-se abruptamente peças valiosas que os planos da comissão de reforma destinaram a ser gradualmente incorporados e integrados nos novos órgãos, de tal modo que até hoje não se conseguiu recompô-los, como é de esperar que o sejam algum dia, porque é inevitável que, para determinadas atividades, se hajam de estruturar órgãos e serviços, ligados e dependentes embora dos departamentos e que tenham os meios, as capacidades, a combinação de elementos humanos e materiais, e administrativos para os empreendimentos de pesquisa especializada. Assim ocorre nos meios universitários mais adiantados em que os departamentos ou as cátedras continuam fortes e centralizadoras. A experiência da estagnação em certos campos das ciências humanas, mostrará o imperativo da criação urgente de centro de estudos, de coordenadorias, de administrações auxiliares, — idênticas às de laboratórios e gabinetes das ciências da natureza, que a evidência impõe como indispensáveis. Resistiu o Centro àquela tendência, graças aos esforços decididos do seu diretor, incansável em propugnar a preservação de um programa que, já consolidado, a partir dagora dará sempre mais e melhores frutos científicos e acadêmicos. Êsse programa seria perturbado, e possivelmente fadado a debilitar-se, com prejuízo grave da Universidade, como já se verifica noutras áreas, se não lhe fôsse mantido o suporte institucional que o tornou até agora possível. Em segundo lugar, note-se que o destino desta equipe e de sua organização prôpriamente investigativa ainda é tema de exame e de esforços, que todos esperamos confluem numa solução vantajosa para o ensino, a ciência, a cultura, a Universidade, e para aquêle inicial plano de aproximação e cooperação entre o Brasil, a África e o Oriente. Para conseguir êste objetivo, é necessário insistirem que o trabalho dêste grupo e desta instituição, longe de se determinarem pela improvisação e pelo gôsto capri-

choso por determinados temas, responde a uma necessidade da sociedade brasileira de, por um lado, aprofundar o conhecimento científico de questões de interesse para a inteligência de sua cultura e, por outro lado, de preparar o pessoal seriamente capacitado para os programas atuais e os que por certo se expandirão mais amplamente, de relacionamento e de contatos diplomáticos, políticos, econômicos, intelectuais e acadêmicos com as nações africanas independentes, com as quais o nosso País partilha interesses comuns numa região destinada a um papel relevante no mundo contemporâneo e com aquelas da Ásia a que estamos mais ligados. O Centro já adquiriu os primeiros créditos para êsse desiderato, único em nosso País em suas especializações, em sua experiência e nas competências que vai criando.

Tôdas essas são razões para felicitá-lo neste aniversário de bem aproveitados dez anos de existência e trabalhos, razões ainda para encorajá-lo a prosseguir no caminho para atingir alturas mais e mais elevadas, sempre forte e decidido nos seus ideais e objetivos, e para, finalmente, felicitar a Universidade pela sabedoria de apoiar e lhe dar os meios para a continuação e desdobramento de suas atividades. Dessas atividades se pode afirmar, seguramente, que pela análise e interpretação etnológica, lingüística, historiográfica de um acervo societal e cultural tão rico, reconhecidamente ímpar no Brasil e mesmo no Continente americano, como é o existente na Bahia, vem sendo recriada nesta casa a escola baiana de estudos africanistas e orientais, novamente motivo de prestígio e orgulho para o nosso Estado e para a Universidade Federal da Bahia”.

VISITANTE ILUSTRE

Durante o mês de agosto esteve em visita a Salvador, em contacto permanente com o CEAO, o Prof. Jean Ziegler, do Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Genebra.

Na Bahia procurou o Prof. Ziegler estabelecer possíveis correlações entre as culturas congolêsas, sôbre as quais vem trabalhando há vários anos, na área do Congo-Kinshasa, e as culturas afro-americanas.

De volta à Europa publicou o Prof. J. Ziegler, na revista “Jeune Afrique”, os seguintes comentários sôbre a sua visita ao Brasil:

“A Universidade brasileira está em crise. As Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro perderam em três anos, mais de setenta professores. Todavia, uma disciplina universitária tem sido milagrosamente poupada: a pesquisa africanista. O Brasil possui realmente grande número de instituições e equipes de pesquisa especializadas que — por causa das distâncias geográficas — são bem pouco conhecidas dos pesquisadores da Europa e da África.

Se bem que o acervo das bibliotecas, o número dos pesquisadores e seus meios de financiamento não sejam comparáveis aos que se encontram nos grandes centros da África (Dacar, Makerere, Lovanium, Lusaka) ou da Europa (Paris, Genebra, Aix-en-Provence, Bruxelas), a seriedade do trabalho científico das equipes brasileiras é indubitável. O Rio de Janeiro dispõe de três centros. Há em primeiro lugar uma instituição curiosamente denominada de “Campanha do Folclore”. Nela destacam-se os nomes de Edison Carneiro e de Renato Almeida. A “Campanha do Folclore” — instituição resultante de uma corajosa iniciativa de alguns intelectuais que recusaram submeter-se a um certo esnobismo universitário (que defende a assimilação às categorias mentais européias e norte-americanas) — acha-se agora ligada ao Ministério da Educação Nacional. Grandes livros (“Os Negros bantus do Brasil”, de Carneiro, seu “Candomblé”, seu “Quilombos de Palmares”; “A História da música” de Renato de Almeida) nasceram dessa equipe.

Um segundo centro está situado no bairro do Botafogo, ligado à Facul-

dade Cândido Mendes. É um descendente do fundador dessa célebre Faculdade, Cândido Mendes Almeida, que mantém atualmente com alguns jovens sociólogos e “politólogos”, na sua maior parte formados nos Estados Unidos — um instituto de pesquisas de sociologia política do Brasil e do Terceiro Mundo.

Enfim, a Unesco fundou no Rio de Janeiro um centro de estudos para os problemas da América Latina. Atualmente êsse centro — que dispõe de uma notável biblioteca chefiada por Regina Tavares — é dirigido pelo professor Diegues Junior. O centro goza de grande autonomia. Seu departamento de documentação e o impulso dado por Diegues, fazem dêle um dos mais valiosos institutos de pesquisa do continente. A pesquisa africanista internacional deve muito, no entanto ao instituto da Bahia: integrando a Universidade Federal nela funciona em uma bela casa branca bem próxima ao centro da cidade — o “Centro de Estudos Afro-Orientais”.

Vários dos seus pesquisadores gozam de reputação internacional. Tal o caso do sociólogo e lingüista Vivaldo da Costa Lima, um dos maiores especialistas vivos do “Candomblé”. Assim como o excelente geógrafo Waldir Freitas Oliveira, dinâmico diretor do Centro. O prof. Reichert, especialista das minorias muçulmanas do continente sul-americano, é bem conhecido nos países árabes e na Europa, onde goza de merecida fama. É preciso, enfim, citar Guilherme e

Yeda de Castro, um casal de lingüistas que divide seu trabalho entre a África e a Diáspora brasileira. Homens bem conhecidos gravitam em torno do Centro: Pierre Verger e Thales de Azevedo.

Enfim, o instituto baiano dá ensejo a que alguns pesquisadores jovens cuidadosamente selecionados — possam preparar-se convenientemente.

Entre êsses é preciso citar o excelente assistente de Costa Lima, Júlio Braga, e Marly Teixeira. Com a colaboração do chefe do setor de publicações, Nelson Araújo, Fernando Rocha Peres, Fernando Rocha e Flávio Costa, o Centro publica uma revista intitulada “Afro-Ásia”.

Bahia — a Cidade do Salvador, assim como o imenso recôncavo que costeia a baía de Todos os Santos — constituem um terreno de pesquisa excepcional — e ainda quase virgem. Dezenas de milhares de africanos deportados aí reconstituíram — sob condições de miséria e sofrimento indizíveis — suas culturas, suas artes e seus cultos. Vivaldo da Costa Lima — junto a seus colaboradores — está a preparar um fichário analítico que, somente na Cidade do Salvador (nome da Capital do Estado da Bahia), comportará mais de mil monografias sôbre o candomblé. O Estado da Bahia é maior do que a França. Nas cidades do interior — centros do cacau, açúcar e fumo — e no vale do São Francisco centenas de comunidades de cultos africanos esperam a hora de ser pesquisadas.